

**Nuances do planejamento urbano no mundo globalizado: uma perspectiva da produção do espaço a partir do caso de Barcelona**

*Nuances of urban planning in the globalized world:  
a perspective on the production of space from the case of Barcelona*

**Luísa César Gonçalves**

Graduanda em Arquitetura e Urbanismo, UFMG, Brasil  
luisacesargoncalves@gmail.com

## RESUMO

Este artigo discute algumas nuances do planejamento urbano de Barcelona, com ênfase na dimensão estratégica tradicionalmente associada a ele, a qual inspira políticas urbanísticas de gestão de outras cidades no mundo globalizado. Nas últimas décadas do século XX, a capital da Catalunha tornou-se um paradigma de atratividade e prosperidade urbana, principalmente devido à divulgação da cidade impulsionada pela celebração dos Jogos Olímpicos de 1992. Desde então, diversas urbes têm incorporado estratégias do “modelo Barcelona” em políticas locais de gestão, o que coloca em questão uma tendência de homogeneização do planejamento de dinâmicas urbanas muito díspares. Nesse sentido, o trabalho inicia uma análise da gestão urbana barcelonesa a fim de investigar a hegemonia de certas estratégias nas políticas urbanísticas globalizadas. Isso amplia as discussões sobre o planejamento urbano no contexto globalizado e problematiza a tomada de experiências de gestão de algumas metrópoles enquanto receituário para outras cidades. A metodologia adotada no artigo abrange procedimentos qualitativos, descritivos críticos e de estudo de caso. A contribuição teórica e a originalidade da discussão proposta apoiam-se na observação dos processos de produção do espaço urbano como aporte teórico e metodológico potencial para a compreensão das práticas sócio-espaciais que condicionam e são simultaneamente condicionadas pelas políticas do urbano. Os resultados obtidos contribuem ainda para a ampliação das discussões sobre os interesses e os agentes que impactam as políticas globalizadas de gestão urbana e a vida cotidiana nas cidades contemporâneas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Planejamento urbano. Produção do espaço. Barcelona.

## ABSTRACT

*This article discusses some nuances of Barcelona's urban planning, with an emphasis on the strategic dimension traditionally associated with it, which inspires urban management policies in other cities in the globalized world. In the last decades of the 20th century, the capital of Catalonia became a paradigm of urban attractiveness and prosperity, mainly due to the publicity of the city driven by the celebration of the 1992 Olympic Games. Since then, several cities have incorporated strategies of the “Barcelona model” in local management policies, which calls into question a tendency towards homogenization of the planning of very disparate urban dynamics. In this sense, the work begins with an analysis of Barcelona's urban management to investigate the hegemony of certain strategies in globalized urban policies. This expands discussions about urban planning in the globalized context and problematizes the use of management experiences from some metropolises as prescriptions for other cities. The methodology adopted in the article covers qualitative, critical descriptive and case study procedures. The theoretical contribution and originality of the proposed discussion are based on the observation of the production processes of urban space as a potential theoretical and methodological contribution to understanding the socio-spatial practices that condition and are simultaneously conditioned by urban policies. The results obtained also contribute to expanding discussions about the interests and agents that impact globalized urban management policies and everyday life in contemporary cities.*

**KEYWORDS:** Urban planning. Production of space. Barcelona.

## 1 INTRODUÇÃO

As políticas urbanísticas contemporâneas tencionam-se por imperativos sociais e econômicos que reverberam o fenômeno da globalização, tipicamente identificado a partir das décadas finais do século XX. Nesse quadro, as cidades adquirem papel ativo na atração de investimentos da economia de fluxos globais (HARVEY, 1994). Em Barcelona, metrópole notadamente aclamada nesse contexto como paradigma exemplar de atratividade urbana, diferentes ações foram e ainda são articuladas na construção de imagens urbanas atrativas em âmbito internacional. Diante disso, este artigo propõe uma discussão crítica acerca de algumas nuances que o planejamento urbano de Barcelona assume no bojo das aceleradas ações de promoção das cidades. Em nossa interpretação, o caráter estratégico, tradicionalmente associado ao planejamento urbano barcelonês e, hoje, integrante de inúmeros planos urbanos, expressa, especialmente, a hegemonia de práticas de gestão que anunciadamente bem-sucedidas em determinadas cidades são promovidas como essenciais à prosperidade urbana de outras urbes.

As estratégias dos planos urbanísticos manifestam imposições políticas de determinado modo de vida e experiência da cidade (VELLOSO, 2018). Nesse sentido, acreditamos que investigar a gestão urbana implica considerar as amplas dinâmicas nas quais as políticas urbanísticas se realizam. Para tanto, a observação dos processos de produção do espaço urbano apresenta-se como aporte teórico e metodológico potencial para a compreensão das práticas sócio-espaciais que condicionam e são simultaneamente condicionadas pelas políticas do urbano.

Fundamentada na obra do filósofo Henri Lefebvre (1901-1991), a teoria da produção do espaço propõe a análise das constelações de relações, atividades e elementos sociais que, específicos em cada época e em cada território, são articulados pela sociedade no ato de sua própria reprodução. Em Lefebvre (1973), a reflexão acerca da produção do espaço adquire relevância para explicar a capacidade do capitalismo em atenuar suas contradições e perpetuar-se após suas crises e momentos críticos - não o mesmo, não sem tensões dialéticas provocadas pelos contrapostos nele subsumidos. Ao discorrer sobre essa tese da obra do filósofo francês, Ana Fani Carlos (2016, p. 57) salienta que para o pensador a produção do espaço torna-se central porque:

[...] com o debate em torno da noção de produção, é possível apreender o momento a partir do qual o espaço passa a ser fundamental para a reprodução de determinado modo de produção. O central na obra [*A produção do espaço* (2006)] é a ideia de que, num determinado momento da história, o processo de reprodução da sociedade, sob o comando do capital, realiza-se na produção do espaço. A partir deste momento, o espaço ganha, para o autor, outro significado, posto que vai aparecer como condição para a reprodução ampliada do capital [...] (CARLOS, 2016, p. 57).

Desse modo, o capital privado exerce grande influência na configuração espacial urbana, seja por meio da intervenção material na cidade, sob a forma de projetos arquitetônicos e urbanísticos, seja através do estabelecimento de políticas urbanísticas alinhadas aos interesses dos agentes econômicos dominantes (HARVEY, 2005). Nesse contexto, o planejamento urbano, aqui entendido como instrumento que regula e concretiza a gestão e a manutenção da cidade, corresponde às práticas econômicas que, para além das questões pertinentes à urbanização e à

urbanidade do espaço como suporte e produto da sociabilidade, priorizam a divulgação das cidades em meio à competição interurbana. Isso contribui para que ações de venda da cidade, tomada enquanto empreendimento, assumam cada vez mais centralidade nas políticas urbanísticas de diversas metrópoles do mundo (BESSA; ÁLVARES, 2014).

## 1.1 Objetivos e métodos de análise

O objeto de estudos do artigo abrange algumas nuances do planejamento urbano de Barcelona, com foco principal em sua tradicional vertente estratégica. Em meio à globalização, a experiência barcelonesa de gestão e planejamento urbano tornou-se um paradigma de atratividade e prosperidade urbana, em especial, devido à divulgação internacional da cidade decorrente da celebração dos Jogos Olímpicos de 1992. Esse evento coroou sob o título de “modelo Barcelona” um conjunto de práticas de gestão e intervenção urbana que foi largamente propalado como exemplo de planejamento para outras urbes inseridas na disputa pela atração de fluxos globais de investimentos (MONTANER, 2012).

Perante o exposto, o objetivo deste artigo é discutir características que a gestão urbana adquire no bojo do processo de globalização. Em especial, pretende-se avaliar como o caráter estratégico incorporado em muitos planos urbanos tende a contribuir para a homogeneização do planejamento urbano de cidades cujas realidades urbanas são muito díspares. Para tanto, o estudo emprega métodos qualitativos e descritivos críticos baseados na leitura e na interpretação de obras teóricas acerca dos conceitos mais relevantes às temáticas abordadas. As reflexões propostas também se desenvolvem através do estudo de caso da cidade de Barcelona, capital da Catalunha<sup>1</sup>. Do nosso ponto de vista, a leitura da evolução das políticas de planejamento urbano de Barcelona contribui para a elaboração crítica acerca da hegemonia de certas estratégias nas políticas urbanísticas globalizadas. Assim, entendemos que, destacadas as particularidades da cidade catalã, o estudo de caso permite construir um panorama para a compreensão das dinâmicas de gestão urbana de outras metrópoles capitalistas contemporâneas. Nesse sentido, o trabalho apresenta como principal argumento a ideia de que a análise do “modelo Barcelona” a partir da perspectiva da produção do espaço sugere limitações para a tomada desse paradigma como receituário para o sucesso urbano de outras cidades.

Além da introdução, o artigo discorre mais quatro partes. A primeira introduz e relaciona a perspectiva teórico-metodológica da produção do espaço e o desenvolvimento das políticas urbanísticas em meio aos processos de globalização. Em seguida, a segunda parte do estudo apresenta brevemente a evolução da gestão urbana de Barcelona no contexto globalizado, a qual culminou na consolidação do “modelo Barcelona”. Na terceira, partimos do estudo de caso desse paradigma para propor uma problematização da tomada de experiências de gestão de algumas metrópoles enquanto receituário para outras cidades. Por fim, a conclusão pontua considerações sobre as dinâmicas contemporâneas que permeiam o planejamento urbano e impactam a vida cotidiana na cidade.

---

<sup>1</sup> Barcelona é a capital da comunidade política autônoma da Catalunha cuja forte identidade nacional é cultivada desde a época medieval. No fim do século XV, a Catalunha foi incorporada à Espanha unificada e, assim, tornou-se palco de inúmeras disputas com o governo monárquico espanhol, centrado em Madri.

## 2 A PRODUÇÃO DO ESPAÇO E AS POLÍTICAS URBANÍSTICAS NO MUNDO GLOBALIZADO

A produção do espaço é definida por Henri Lefebvre como “conceito teórico e realidade prática indissolivelmente ligados” (LEFEBVRE, 2006, p. 61). Na obra *A produção do espaço* (2006), originalmente publicada em 1974, o filósofo desenvolve a tese de que o espaço se vincula à *práxis* social. Ele é ao mesmo tempo um esquema gerador e uma representação real dos limites da sociedade (LEFEBVRE, 2016). Sua produção, portanto, relaciona-se à reprodução social em seu aspecto mais amplo: ela é, ao mesmo tempo, resultado e pré-condição da reprodução da sociedade.

Por tudo isso, Christian Schmid (2012) propõe apreender a produção do espaço como uma teoria, para além da consideração de um único conceito. Dita abordagem pauta-se no entendimento de que a produção do espaço refere-se a um extenso e complexo corpo teórico desenvolvido por Lefebvre ao longo de sua obra na tentativa de compreender a prática social em sua totalidade. Diante disso, Schmid (2012) explica que a produção do espaço consiste em um processo que pode ser dividido em três dimensões ou momentos distintos e dialeticamente conectados: a dimensão material do espaço, definida e definidora da prática espacial e do espaço percebido, a qual denota a articulação de relações, elementos e atividade da prática social assentada em um substrato material percebido pelos sentidos; a dimensão dos discursos, imagens e pensamentos que definem previamente os espaços (antes da materialização efetiva) e que se liga à produção do conhecimento, remetendo-se às representações do espaço e ao espaço concebido; e a dimensão das significações dos espaços materiais que, referente aos espaços de representação e aos espaços vividos, associa-se à experiência - individual e social - do espaço na prática da vida cotidiana<sup>2</sup>. Estas três dimensões da produção do espaço, sem privilégio ou dominância de uma sobre as outras duas, coexistem e interagem em uma unidade dialética de contradições cujas mediações produzem o espaço, entendido enquanto produto social e, portanto, histórico (SCHMID, 2012). Em síntese:

O núcleo da teoria da produção do espaço identifica três momentos da produção: primeiro, a produção material; segundo, a produção de conhecimento; e, terceiro, a produção de significados. Isso torna claro que o foco da teoria de Lefebvre não é o “espaço em si mesmo”, nem mesmo o ordenamento dos objetos e artefatos (materiais) “no espaço”. O espaço é para ser entendido em um sentido ativo como uma intrincada rede de relações que é produzida e reproduzida continuamente. O objeto da análise é, conseqüentemente, o processo ativo de produção que acontece no tempo (SCHMID, 2012, p. 104).

A análise da produção do espaço, portanto, implica o entendimento dos amplos processos que resultam na espacialidade socialmente produzida, material e imaterialmente. Por certo, essa abrangência não pode ser reduzida a um simples recurso metodológico; sequer acreditamos que isto tenha sido motivação da profunda reflexão lefebvreviana sobre o espaço.

---

<sup>2</sup> As três dimensões da produção do espaço urbano são duplamente definidas e designadas por duas tríades centrais no pensamento lefebvreviano: a primeira, da “prática espacial”, “representação do espaço” e “espaços de representação”, expressa uma compreensão linguística ou semiótica do espaço; a segunda, por sua vez, apresenta caráter fenomenológico e refere-se ao espaço “percebido”, “concebido” e “vivido”. Discussões detalhadas sobre as tríades de Lefebvre e suas relações podem ser conferidas em Schmid (2012), Almeida (2014) e Alves (2019).

Sem embargo, torna-se evidente aos nossos olhos que o estudo dos processos de produção do espaço urbano integra sistematicamente diversas dimensões que permitem a compreensão de múltiplos processos sócio-espaciais. Desse ângulo, a perspectiva da produção do espaço constitui uma abordagem potencialmente valiosa para a análise das políticas urbanísticas que consubstanciam a gestão da cidade. Essa interpretação assenta na compreensão de que as políticas urbanísticas resultam e, simultaneamente, condicionam as três dimensões integrantes do movimento de produção do espaço urbano. Ou seja, entendemos que os três momentos dialeticamente contidos na produção do espaço podem ser identificados nas dinâmicas e nos relacionamentos sociais envolvidos nas políticas urbanísticas. De maneira mais específica, compreendemos que a perspectiva teórica-metodológica da produção do espaço é especialmente pertinente à reflexão sobre o planejamento urbano uma vez que ele, ao idealizar, regular e concretizar a gestão e a manutenção da cidade, envolve a produção de conhecimentos e discursos sobre o espaço, a significação do espaço e a produção material do espaço.

Ante o exposto, a análise proposta aqui é a da gestão urbana, com destaque às relações sociais que mediam os interesses de diferentes agentes envolvidos na constituição da cidade. Esse enfoque é central para o objetivo principal deste artigo, isto é, avaliar nuances que o planejamento urbano adquire no bojo da globalização, fenômeno que estimulou profundas transformações em diversos campos da sociedade.

Saskia Sassen (2010), descreve a globalização como um processo de integração e interdependência crescente das sociedades, por meio de entrelaçamentos transnacionais políticos, econômicos e culturais. Alguns estudiosos apontam o fim da Guerra Fria, marcado pela queda do bloco socialista na década de 1980 e a superação da ordem geopolítica bipolar, como evento impulsionador das dinâmicas globalizantes em escala mundial. Com uma abrangência até então sem precedentes, esse fenômeno implicou uma série de revoluções nos meios de transporte e comunicação que alteraram significativamente a mobilidade dos fluxos de capital, os padrões de consumo e comportamento e, por tudo isso, os processos de urbanização e a experiência do espaço urbano. Nesse sentido, David Harvey (1994) salienta que a grande flexibilidade geográfica da produção, resultado e condição do colapso das barreiras espaciais no contexto globalizado, contribuiu para que as cidades assumissem importância central como pontos de atração do capital móvel em meio a competição urbana internacional.

A competição entre cidades, na perspectiva de Harvey (1994), resulta do fato, paradoxal, de que a partir do momento em que os fluxos se tornaram globais, as qualidades locais assumiram atribuições particularmente significativas enquanto vantagens atrativas:

Na verdade, a redução de barreiras espaciais acentuou a competição pelo capital entre localidades, estados e regiões. Gestões urbanas foram forçadas a prestar mais atenção ao “clima de negócios”, qualidades de infra-estrutura, controle de mão-de-obra local, impostos e descontos. Disso resultou o surgimento do que estudiosos chamam de “cidade empresarial”, cujo objetivo é definir uma estratégia de crescimento com o melhor potencial para funcionar considerando-se a combinação de recursos, condições e usuários potenciais de um local específico. A tarefa da gestão urbana é atrair uma produção altamente móvel e flexível, bem como fluxos financeiros e de consumo (HARVEY, 1994, p. 5).

Com efeito, as dinâmicas globalizadas incentivaram a incorporação de aspectos da gestão empresarial ao planejamento urbano. Por conseguinte, a postura empreendedora da

governança urbana, o uso de estratégias de competitividade e os investimentos em marketing urbano, dentre outras medidas, destacaram-se como ações primordiais para o sucesso atrativo das cidades no âmbito mundial. Nesse contexto, um ideário acerca de um “novo planejamento urbano” legitimava - e era legitimado por - “modelos urbanos” cujas estratégias de gestão da cidade, anunciadamente bem-sucedidas em determinadas metrópoles, alcançaram significativo prestígio internacional (SÁNCHEZ, 1999). A exemplo, as práticas de gestão urbana de Barcelona alçaram grande influência como paradigma de sucesso urbano no mundo globalizado. Ao combinar uma gama de estratégias direcionadas tanto para a ação sobre o espaço físico quanto para a construção de imagens urbanas da metrópole, a capital catalã tornou-se uma referência para outras localidades. A fim de identificar traços do planejamento urbano no mundo globalizado, passamos, então, à análise do conjunto de práticas urbanísticas coroadas no “modelo Barcelona”.

### 3 A COROAÇÃO DE UM PARADIGMA: PRÁTICAS URBANAS DA BARCELONA OLÍMPICA

Barcelona tem seu território conformado entre a *Serra de Collserola* e os rios *Besòs* e *Llobregat*. À leste, a cidade, às margens do Mar Mediterrâneo, é delimitada pela costa marítima. Berço da cultura catalã, a rica configuração urbanística desta metrópole advém de diferentes momentos de feitura do espaço. Os planos de *Eixample* (1859) de Ildefonso Cerdà (1815-1876) e, posteriormente, de *Enlacs* (1903-1907) de Leon Jaussely (1875-1932) não resumem as mudanças na malha urbana barcelonesa; no entanto, esses são episódios notáveis dos processos de produção do espaço urbano em virtude do crescimento econômico e demográfico decorrente da industrialização. Assim, ao estabelecer a ordem geral que ainda hoje organiza o caráter formal das paisagens urbanas de Barcelona (Figura 1), esses projetos foram determinantes para a atual configuração da urbe (MOLET, 2010, p. 125).

Figura 1 – Atual vista aérea do tecido urbano adensado a partir do traçado regular do *Eixample* de Barcelona, projetado por Ildefonso Cerdà (1859).



Fonte: Subirats, 2020.

As raízes das transformações que se acumulam no espaço urbano de Barcelona são antigas e, em muito, correspondem à evolução das práticas de gestão urbana da metrópole. Nesse sentido, a pressão de movimentos sociais por melhorias urbanas no fim da Ditadura de Francisco Franco (1936-1975)<sup>3</sup> revela aspectos importantes para a análise do desenvolvimento do planejamento urbano desta metrópole (CALAVITA; FERRER, 2000). Em meio ao fortalecimento da globalização, esses fatores incentivaram práticas sócio-espaciais direcionadas ao planejamento integrador da cidade.

Assim, no ano de 1976 foi aprovado o Plano Geral Metropolitano de Barcelona (PGMB-76), um plano urbanístico que abrangeu toda a Comarca de Barcelona. Esse plano assentou as balizas para as políticas urbanísticas orientadas às reivindicações sociais e à recuperação urbana que se desenvolveram na cidade durante a transição democrática pós-franquismo. Por tudo isso, o PGMB-76 pode ser entendido como referência das políticas urbanísticas modernas da capital catalã. No fim da década de 1970 e nos anos 1980, esse plano, cuja elaboração envolveu múltiplos agentes da produção do espaço e diversos conflitos sociais, trazia premissas avançadas para a solução dos problemas urbanos de Barcelona, as quais se baseavam em dois princípios

---

<sup>3</sup> A ditadura do general Francisco Franco foi um regime de orientação nazifacista que imperou na Espanha desde o fim da Guerra Civil Espanhola, em 1939, até o ano de 1975.

primordiais: a redução das densidades construtivas permitidas e a recuperação de terras para o uso público (CALAVITA; FERRER, 2000, p. 800). Desse modo, este organismo rompeu o duro sistema de zoneamento que imperava na capital catalã e promoveu diretrizes legais para a oferta de equipamentos e infraestruturas necessárias nos diferentes bairros da cidade (BERRI, 2017).

Dessa maneira, os princípios do PGMB-76 iniciaram uma gestão urbana que se concentrava na melhoria de toda a cidade de Barcelona, comprometida com o envolvimento dos cidadãos e com a criação de novos espaços públicos de qualidade. Logo, na década de 1980, essa política urbanística cuidadosa notabilizou-se como um modo de gestão e intervenção urbana, designado como “modelo Barcelona” (MONTANER, 2012).

Foi também nos anos 1980 que a intensificação da globalização, que de modo incipiente já influenciava os processos de produção e reprodução do espaço urbano nas décadas anteriores, motivou a adoção de uma postura empreendedora da governança urbana (HARVEY, 2005). Nessa conjuntura, a construção de imagens urbanas atrativas no âmbito internacional tornava-se, então, uma demanda importante no planejamento urbano. Com efeito, múltiplas estratégias de marketing urbano foram incorporadas às dinâmicas que vinham se desenvolvendo em Barcelona (MONCLÚS, 2000).

Nesse contexto, a intensificação das parcerias público-privadas e as estratégias empreendedoras de marketing urbano manifestavam a emergência de novos instrumentos para o ajuste da gestão das cidades à disputa globalizada pela atração de capitais no fim do século XX (SÁNCHEZ, 1999). Logo, o despontar do urbanismo empreendedor alicerçou novas estratégias para o destaque da capital catalã como cidade atrativa em âmbito internacional. Todavia, Otilia Arantes (2002) reitera que, ainda que alinhadas às estratégias para a maior atratividade na competição interurbana, as ações da política urbanística de Barcelona, naquele momento, não impediram a realização de melhorias urbanas e um grande êxito na qualificação de toda a cidade, diferentemente do que ocorreu em outras urbes. Essa condição foi primordial para que a experiência barcelonesa rapidamente se difundisse no contexto globalizado como parâmetro exemplar.

Contudo, além da divulgação da cidade, a intensificação da globalização também potencializou alterações na gestão da capital da Catalunha. A partir de meados de 1980, acentuou-se um deslocamento da prioridade da agenda social em preferência da realização de um grande evento marcante. Nesse horizonte, firmou-se a candidatura de Barcelona para a celebração dos Jogos Olímpicos de Verão de 1992. Já em outubro de 1986, a cidade foi oficialmente eleita sede do grande evento esportivo, o que transformou profundamente as políticas urbanísticas da capital catalã<sup>4</sup>. Com efeito, a realização dos Jogos Olímpicos de 1992 alavancou a divulgação da cidade no cenário global, ao mesmo tempo que provocou modificações significativas no programa social de qualificação urbana que se desenrolava no nível local (MONTANER, 2012).

A partir desse momento, cristalizaram-se características de um novo ciclo de gestão urbana do “modelo Barcelona”, o qual, mesmo sem abandonar as ações com objetivos sociais, inclinava-se rumo à consolidação da cidade como centro atrativo na divisão espacial do consumo (HARVEY, 2005). Sendo assim, o contexto de transformação da cidade para a celebração das

---

<sup>4</sup> Ver Martínez (2010), Casellas (2006), Montaner (2012) e Molet (2010).

Olimpíadas de 1992 configurou um momento particular em que práticas da gestão empresarial foram fortemente incorporadas à gestão urbana de Barcelona. A valer, o caráter estratégico assumiu atribuição central na caracterização das políticas de planejamento urbano da cidade. Não por acaso, Arantes (2002, p. 52) destaca que, apesar da planificação urbana dita “estratégica” se originar no empreedimentismo americano da década de 1970, foi a fórmula desenvolvida em Barcelona nos anos 1980 e 1990 que passou a ser identificada como “a matriz do Planejamento Estratégico”.

João Sette Ferreira (2003) explica que o planejamento urbano de cunho estratégico consiste em uma modalidade de planejamento, amplamente influenciada por teorias de gestão empresarial, adotada por muitas cidades em um esforço para a atração de fluxos da economia global. Nesse sentido, o autor enfatiza o forte caráter ideológico desse modo de planejamento que adapta para as dinâmicas urbanas uma série de ideias transpostas de estratagemas militares e, desse modo, termina por configurar uma espécie de receituário de iniciativas competitivas que são propaladas como necessariamente essenciais para o sucesso urbano no mundo globalizado. Assim, as ações propostas pelos planos estratégicos, na maioria das vezes, direcionam-se à transformação espacial da cidade em decorrência de uma anunciada obsolescência das formas urbanas passadas em face das novas relações de produção alavancadas pela globalização (SÁNCHEZ, 1999). Nesse passo, evidencia-se a subserviência do planejamento estratégico ao capital e seu fundamental papel na promoção da cidade como mercadoria (FERREIRA, 2003).

No contexto globalizado, Ferreira (2003), Sánchez (1999) e Arantes (2002) concordam que os meios e os resultados atrelados à transformação urbana de Barcelona ocasionada pelos Jogos Olímpicos de 1992 foram identificados como fórmula paradigmática do planejamento urbano estratégico. No desenvolvimento desse paradigma, destaca-se que uma associação para a elaboração do plano estratégico de Barcelona foi criada em 1988 como resposta às críticas pelo atraso das obras olímpicas e, mediante isto, uma necessidade de reforço da captação de investimentos privados para a concretização efetiva dos projetos urbanos para os Jogos (MONTANER, 2012, p. 14). Portanto, evidencia-se que o primeiro Plano Estratégico de Barcelona (PEB), instituído em 1990, surge, desde sua concepção, como uma expressão do alinhamento da gestão urbana com os interesses capitalistas de mercado.

Logo após os Jogos de 1992, as imagens e as estratégias empregadas na promoção de Barcelona como cidade olímpica atrativa e dinâmica coroaram o “modelo Barcelona” como paradigma em meio ao empreendedorismo urbano. No contexto globalizado, esse exemplo foi amplamente exportado para outras metrópoles. Assim, a experiência urbana barcelonesa foi tomada como referência para o sucesso de outras cidades europeias e americanas. Nesse aspecto, Carlos Vainer (2002) destaca que a ação de consultores catalães de planejamento urbano foi de grande importância para a consolidação e a difusão do “modelo Barcelona”. Ainda segundo o autor, uma convicção sobre a prosperidade atrelada à realização dos Jogos Olímpicos de 1992 e ao uso do planejamento estratégico, resolução sustentada pelas imagens urbanas atrativas de Barcelona e pelas receitas econômicas favoráveis do turismo motivado pelo grande evento esportivo, era recorrentemente acionada pelos célebres consultores urbanos. Nesse

grupo, Vainer (2002) destaca, especialmente, Oriol Bohigas<sup>5</sup> e Jordi Borja<sup>6</sup>. Além do exercício de consultoria, esses arquitetos urbanistas catalães atuaram por meio da produção de textos que difundiam as experimentações da gestão urbana barcelonesa na década de 1980 e, por conseguinte, divulgavam as virtudes do celebrado “modelo Barcelona”.

Todavia, apesar do status exemplar, a experiência urbana designada pelo título de “modelo Barcelona” compreende, na verdade, um modo de gestão e intervenção urbana que, em nossa interpretação, não pode ser reduzido a um tipo de receituário para o sucesso urbano. Como argumentamos a seguir, acreditamos que a perspectiva da produção do espaço contribui para perceber algumas contradições e limitações que impedem uma generalização desse tipo.

#### 4 A DIFUSÃO DO “MODELO BARCELONA” E AS CONTRADIÇÕES DO PLANEJAMENTO URBANO NO MUNDO GLOBALIZADO

A repercussão do “modelo Barcelona” no bojo do processo de globalização contribuiu para a construção de um discurso hegemônico acerca da validade de certas estratégias e instrumentos de gestão urbana no mundo globalizado (SÁNCHEZ, 1999). A experiência barcelonesa de planejamento urbano, principalmente a partir de 1992, colocou em voga, sobretudo, três estratégias: a realização de planos e projetos de caráter estratégico; a capitalização de grandes eventos urbanos emblemáticos; e a articulação de ações de marketing urbano empenhadas na criação e na divulgação de imagens urbanas atrativas. Esses procedimentos caracterizam nuances do planejamento urbano globalizado e podem ser observados nas políticas urbanísticas contemporâneas de diversas outras cidades do mundo. Especialmente no Brasil, estudos recentes apontam a incorporação dessas estratégias na gestão urbana de algumas cidades. Curitiba (PR) e Rio de Janeiro (RJ), por exemplo, são capitais que se destacam por seguirem de muito perto, as vezes com referências explícitas, as estratégias de planejamento altamente propagandeadas por Barcelona<sup>7</sup>.

Sem ignorar os aspectos positivos que a observação do planejamento urbano de outras cidades pode favorecer, consideramos alarmante, entretanto, que, muitas vezes, as estratégias inspiradas pela experiência de gestão urbana de Barcelona sejam perseguidas como receituário, uma fórmula prescritiva propagada como infalível, para o sucesso urbano de outras cidades, as quais são caracterizadas por realidades urbanas muito díspares. Pensamos que dois fatores

---

<sup>5</sup> Natural de Barcelona, Oriol Bohigas i Guardiola (1925-2021) foi um dos arquitetos mais célebres da história da Catalunha. Além de uma ampla produção acadêmica e da atuação como professor e diretor na *Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona*, ele ocupou diferentes cargos na prefeitura da cidade, notadamente a cadeira de diretor da Secretaria de Planejamento, rebatizada por ele mesmo de Projeto Urbano, durante os primeiros anos da década de 1980. Nesse período, Bohigas fundamentou uma nova forma de percepção e intervenção nos espaços públicos da cidade, legado pelo qual muitas vezes lhe é atribuído o título de “pai da modernização da Barcelona Olímpica”.

<sup>6</sup> Natural de Barcelona, Jordi Borja Sebastià nasceu em 1941. Diplomado em geografia e mestre em urbanismo, Borja é professor de Gestão da Cidade e Urbanismo na Universidade Aberta da Catalunha e, entre 1983 e 1995, foi vice-prefeito da Prefeitura de Barcelona. Com uma extensa obra publicada, Borja é um dentre os mais reconhecidos pensadores catalães do urbanismo. Grande parte da pesquisa do autor é dedicada à reflexão sobre a cidade de Barcelona.

<sup>7</sup> Sánchez (1999) apresenta um interessante estudo comparativo entre as políticas de planejamento urbano de Barcelona e de Curitiba. Sobre o caso do Rio de Janeiro, Nova (2018) empreende uma análise comparativa entre o paradigma do “modelo Barcelona” e o projeto estratégico de revitalização do Porto Maravilha, na frente litorânea da capital carioca.

principais problematizam essa tomada da experiência urbana barcelonesa como modelo para outras urbes: por um lado, as particularidades e a abrangência dos aspectos políticos, econômicos, culturais e sociais implicados na fatura da cidade de Barcelona e, de outro prisma, as limitações inerentes ao famigerado “modelo Barcelona”.

O primeiro entrave suscitado pela colocação das práticas urbanas barcelonesas da década de 1980 e do início dos anos 1990 enquanto arquétipo para a gestão urbana de outras cidades no mundo globalizado trata-se da condição inexoravelmente particular e específica desses processos que, além do mais, não podem ser temporalmente definidos com exatidão. Como lembram Nico Calavita e Amador Ferrer (2000), as bases do projeto de cidade que viria a culminar no sucesso atrativo da Barcelona Olímpica assentaram-se na luta dos movimentos sociais urbanos que floresceram ainda na década de 1960 e, nos anos 1970, viabilizaram um campo político de diálogo democrático para as ações urbanas do período de redemocratização após a ditadura franquista. Ademais, grande parte das ações de marketing que culminaram nas imagens urbanas atrativas de Barcelona se apoiam na valorização contextual da identidade e da memória urbana da urbe, o que retoma características intrínsecas da cultura catalã e antecedentes urbanos únicos como o *Eixample* de Cerdà e a espessura histórica do tecido urbano relacionada ao processo de industrialização da cidade (BRONSTEIN, 2012). Sendo assim, é preciso reconhecer que as práticas urbanas implicadas no corpo de gestão e intervenção urbana designado como “modelo Barcelona” abarcam uma gama de múltiplos aspectos - amplamente diversos, intimamente correlacionados e muito particulares. Isso, apesar de não impedir a inspiração e a apreensão de contributos da experiência urbana da capital catalã por parte de outras cidades, por certo, sugere impedimentos para a tomada da realidade urbana específica da cidade como modelo urbano no sentido corrente que essa expressão costuma ser utilizada, isto é, como um modo de gestão urbana passível de replicação em outros locais que não aquele em que ele foi constituído originalmente e onde, primeiramente, levou a resultados benéficos, de acordo com um certo conteúdo avaliado e segundo a perspectiva de quem avalia os pretensos benefícios (FERREIRA, 2003).

Para nós, a contestação do caráter exportável das políticas urbanísticas de planejamento urbano da Barcelona Olímpica fundamenta-se na compreensão de que, mais do que uma fórmula reprodutível de gestão da cidade, a experiência das práticas englobadas no “modelo Barcelona” se reporta, de fato, a complexos processos de produção do espaço urbano, socialmente e historicamente específicos, desenrolados a partir de relações sociais cambiantes e manifestos na materialidade e na imaterialidade que envolvem as várias dimensões da reprodução da vida. Nesse sentido, a avaliação de Margarida Queirós (2010, p. 7) contribui para perceber a amplitude das práticas sócio-espaciais implicadas no “modelo Barcelona”:

A imagem internacional de Barcelona associou-se à existência de um modelo urbano inovador, conhecido por “modelo Barcelona”, iniciado nos anos 1980. O modelo a que nos referimos não retrata apenas assuntos essenciais ao planejamento urbano, como as políticas públicas ou as novas estratégias econômicas, mas também se refere à cultura urbana, inclusão social e participação cidadã (QUEIRÓS, 2010, p. 7).

Sendo assim, ainda que as estratégias empreendedoras do marketing e do planejamento urbano possam ser adaptadas e aplicadas em outros locais, concluímos que os fatores culturais, políticos, econômicos, sociais e ambientais que também caracterizaram a

experiência urbana de Barcelona desde os anos 1980 não são transportáveis e não podem ser reproduzidos em outro contexto (QUEIRÓS, 2010). Essa constatação reforça o pressuposto de que a abordagem da teoria da produção do espaço constitui um instrumento válido para a avaliação do planejamento urbano de Barcelona, uma vez que este pode ser compreendido como manifestação das amplas e, ao mesmo tempo, específicas dinâmicas de produção do espaço urbano da capital catalã.

A observação dos processos de produção do espaço urbano destaca ainda um segundo fator que, do nosso ponto de vista, problematiza a condição paradigmática associada a certas estratégias globalizadas de planejamento urbano encerradas no “modelo Barcelona”. Nesse sentido, o estudo das práticas sócio-espaciais que consubstanciaram a feitura da capital catalã lança luz sobre entraves de gestão e intervenção urbana, muitas vezes, relegados a segundo plano ou mesmo ignorados em função da legitimação da cidade como centro atrativo e exemplar no contexto globalizado. Esses aspectos dizem respeito as limitações no interior do próprio conjunto de práticas urbanas designadas pelo “modelo Barcelona”.

Inicialmente, esse modo de gestão e intervenção urbana assentou-se em premissas preocupadas com a construção democrática e o caráter cidadão do espaço urbano. Esses princípios nortearam o desenvolvimento desse modo de gestão e intervenção urbana ao longo de toda a década de 1980. Nesse desdobramento, todavia, contradições na evolução das políticas urbanísticas de Barcelona<sup>8</sup> manifestavam tensões da mudança nas orientações que originalmente balizaram o “modelo Barcelona”. Nesse quadro, o debate livre e sinceramente profundo entre os agentes sociais envolvidos na produção e na reprodução do espaço urbano foi insuficiente e, especialmente após 1986, data da eleição de Barcelona como sede das Olimpíadas de 1992, pouco aberto à efetiva participação popular, sob a justificativa de que qualquer crítica poderia impedir a realização do grande evento emblemático (MONTANER, 2012). Ademais, nesse período, o estabelecimento de inúmeras parcerias público-privadas também provocou um aumento significativo da influência capitalista na produção do espaço urbano de Barcelona (CASELLAS, 2006). Com efeito, as práticas urbanas coroadas pelos Jogos Olímpicos de 1992 sob o paradigma do “modelo Barcelona” já eram muito distintas daquelas que no princípio originaram esse título.

As políticas urbanísticas de Barcelona, avaliadas sob o ângulo dos processos de produção do espaço urbano, portanto, revelam aspectos singulares que complexificam o substrato de práticas sócio-espaciais de gestão urbana por trás da exitosa fórmula paradigmática do planejamento urbano da capital catalã. Isso por certo não nega que o exemplo de Barcelona pode ensinar lições importantes sobre o desenvolvimento das políticas urbanísticas no mundo globalizado, mas nos faz refletir: quais os interesses que levam muitas cidades a adotarem como modelo experiências urbanas distantes da realidade local, especificamente particulares e que apresentam limitações e contradições inerentes? A desconsideração - intencional ou não - dessa questão nos parece pesar sobre o planejamento urbano contemporâneo.

## 5 CONCLUSÃO

---

<sup>8</sup> Ver Montaner (2012).

A análise até aqui apresentada pretendeu discutir algumas nuances assumidas pelo planejamento urbano na contemporaneidade. A partir do estudo da evolução das políticas urbanísticas da cidade de Barcelona, procuramos investigar de que modo o fenômeno de globalização contribuiu para a construção da atual hegemonia de certas estratégias de gestão urbana. Nesse contexto, como buscamos destacar ao longo do trabalho, o caráter estratégico do planejamento urbano, recorrentemente validado segundo os moldes da fórmula desenvolvida em Barcelona nas décadas de 1980 e 1990, exerce grande influência sobre políticas urbanísticas de diversas cidades do mundo. Nossa discussão procurou destacar que isso, muitas vezes, contribui para uma homogeneização do planejamento de dinâmicas urbanas muito díspares. Buscamos demonstrar também que o aporte teórico-metodológico da produção do espaço urbano, fundamentado no pensamento de Henri Lefebvre, contribui para a avaliação dessa tendência.

Como argumentamos anteriormente, a análise do “modelo Barcelona” com ênfase nas práticas sócio-espaciais que condicionam e são simultaneamente condicionadas pelas políticas do urbano sugere entraves para a tomada desse paradigma como receituário para o sucesso urbano de outras cidades. Diante disso e do atual cenário globalizado, em que pretensos modelos se apresentam como garantia para a prosperidade urbana, nossa pesquisa inicia um esforço para decifrar os interesses envolvidos na propagação desses receituários urbanos. Acreditamos que somente por meio dessa reflexão crítica será possível descobrir possibilidades para promoção de práticas de planejamento urbano mais justas e compromissadas com a melhoria da vida cotidiana nas cidades contemporâneas.

## Referencial bibliográfico

ALMEIDA, Reginaldo Magalhães de. **Pelo espaço concebido** - as repercussões dos modelos do urbanismo moderno na (re)produção do espaço urbano de Belo Horizonte. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Escola de Arquitetura, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

ALVES, Glória da Anunciação. A produção do espaço a partir da tríade lefebvriana concebido/percebido/vivido. **GEOUSP - Espaço e Tempo (Online)**, [S. L.], n. 3, p. 551-563, 2019. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/163307>>. Acesso em: 26 fev. 2023.

ARANTES, Otília. Uma estratégia fatal - A cultura nas novas gestões urbanas. In. ARANTES, Otília; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia. **A cidade do pensamento único: desmanchando consensos**. Petrópolis: Vozes, 2002. pp. 11-74.

BERRI, André Luis. **Às margens de Barcelona**: o Plan de La Ribera (1965) como ponto de convergência dos processos de regeneração urbana na frente marítima. Dissertação (Mestrado em Diseño Urbano: Arte, Ciudad, Sociedad). Universitat de Barcelona, Barcelona, 2017.

BESSA, Altamiro Sérgio Mol; ÁLVARES, Lúcia Capanema. **A construção do turismo**: megaeventos e outras estratégias de venda das cidades. Belo Horizonte: C/Arte, 2014. 144 p.

BRONSTEIN, Laís. A crise do urbanismo contextualista. **Pós FAUUSP**, [S. L.], n. 32, p. 158-177, 2012. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/posfau/article/view/52462>>. Acesso em: 19 fev. 2023.

CALAVITA, Nico; FERRER, Amador. Behind Barcelona's success story - Citizen Movements and Planners' Power. **Journal of Urban History**, [S. L.], n. 6, p. 793-807, 2000.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. Da “organização” à “produção” do espaço no movimento do pensamento geográfico. In. CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (orgs.). **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. São Paulo: Contexto, 2016, pp. 53-73.

CASELLAS, Antònia. Las limitaciones del “modelo Barcelona” - una lectura desde Urban Regime Analysis. **Documents d'Anàlisi Geogràfica**, Barcelona, n. 48, p. 61-81, 2006.

FERREIRA, José Sette Whitaker. **São Paulo: o mito da cidade-global**. 2003. Tese (Doutorado em Estruturas Ambientais Urbanas). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2003.

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. Tradução: Carlos Szlak. 1. ed. São Paulo: Annablume, 2005.

HARVEY, David. Espaço Urbano na “Aldeia Global”: Reflexões sobre a condição urbana do capitalismo no final do século XX. **Cadernos de Arquitetura e Urbanismo**, Belo Horizonte, n. 1, p. 1-11, ago. 1994.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Tradução: Ana Maria Simões, Doralice Barros Pereira, Pedro Henrique Denski e Sérgio Martins. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

LEFEBVRE, Henri. **A re-produção das relações de produção**. Tradução: António R. e M. Amaral. 1. ed. Porto: Publicações Escorpião, 1973.

LEFEBVRE, Henri. **Espaço e Política: O direito à cidade II**. Tradução: Margarida Maria de Andrade, Pedro Henrique Denski e Sérgio Martins. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016.

MARTÍNEZ, Zaida Muxí. Episódios da Transformação Urbana de Barcelona. **ARQTEXTO**, Departamento de Arquitetura e PROPARG Universidade Federal de Rio Grande do Sul. Porto Alegre, n. 17, p. 104-123, 2010. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/proparg/arqtexto/index.htm>>. Acesso em: 26 jan. 2023.

MOLET, Ricard Fayos. PLANOS, PROJETOS, EVENTOS: BARCELONA 1992-2012. **ARQTEXTO**, Departamento de Arquitetura e PROPARG Universidade Federal de Rio Grande do Sul. Porto Alegre, n. 17, p. 124-137, 2010. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/proparg/arqtexto/index.htm>>. Acesso em: 16 fev. 2023.

MONCLÚS, Francisco Javier. Estrategias urbanísticas en Barcelona: del “París del sur” a “capital del mediterráneo occidental.” **Polis: Revista de la facultad de arquitectura, diseño y urbanismo**, [S. L.], n. 5, p. 4-15, 2000. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/2117/19041>>. Acesso em: 03 ago. 2023.

MONTANER, Josep Maria. A evolução do “modelo Barcelona” (1973-2004). In. MONTANER, Josep Maria; ÁLVARES, Fernando; MARTÍNEZ, Zaida Muxí (eds.). **Archivo crítico modelo Barcelona (1973-2004)**. Barcelona: Direcció d'Imatge i Serveis Editorials Municipals, 2012, pp. 11-25.

NOVA, Gabriel Rodrigues Boa. **Porto maravilha e modelo Barcelona: uma análise comparativa no âmbito do desenvolvimento local**. Monografia (Bacharelado em economia). Instituto de Economia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

QUEIRÓS, Margarida. Barcelona(s) Cidade dos projectos ou projectos da cidade?. **Finisterra**, [S. L.], n. 90, p. 7-32, 2010. Disponível em: <<https://revistas.rcaap.pt/finisterra/article/view/1338>>. Acesso em: 23 jan. 2023.

VAINER, Carlos. Pátria, empresa e mercadoria - Notas sobre a estratégia discursiva do Planejamento Estratégico Urbano. In. ARANTES, Otília; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia. **A cidade do pensamento único**: desmanchando consensos. Petrópolis: Vozes, 2002. pp. 75-104.

VELLOSO, RITA. Pensar por constelações. In. JACQUES, Paola Berenstein; PEREIRA, Margareth da Silva (orgs). **Nebulosas do pensamento urbanístico**: tomo I – modos de pensar. Salvador: EDUFBA, 2018, pp. 98-121.

SÁNCHEZ, Fernanda. Políticas urbanas em renovação: uma leitura crítica dos modelos emergentes. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, [S. L.], n. 1, p. 115-132, 1999. Disponível em: <<https://rbeur.anpur.org.br/rbeur/article/view/13>>. Acesso em: 23 abr. 2023.

SASSEN, Saskia. **Sociologia da globalização**. Porto Alegre: Artmed, 2010. 240 p.

SCHMID, Christian. A teoria da produção do espaço de Henri Lefebvre: em direção a uma dialética tridimensional. Tradução de Marta Inez Medeiros Marques e Marcelo Barreto. **GEOUSP - Espaço e Tempo**, São Paulo, n. 32, p. 89-109, 2012.